



Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen anuncia apoio à adesão de Kiev ao bloco de 27 países-membros e afirma que o país invadido pela Rússia pertence à Europa. Boris Johnson visita Volodymyr Zelensky pela segunda vez

Ucrânia recebe aval para candidatura à UE

» RODRIGO CRAVEIRO

Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia (órgão executivo da União Europeia), escolheu a dedo o figurino para fazer um anúncio simbólico. Vestida de amarelo e azul, as cores da bandeira ucraniana, ela sinalizou apoio à candidatura de Kiev para a adesão ao bloco. “Ucrânia, Moldávia e Geórgia compartilham a forte e legítima aspiração de aderirem à União Europeia (UE). Estamos enviando a eles um sinal claro de apoio às suas aspirações”, declarou.

“A Comissão recomenda ao Conselho Europeu, em primeiro lugar, que dê à Ucrânia uma perspectiva europeia e, em segundo lugar, que lhe conceda o estatuto de candidata. (...) Nós confirmamos que o povo da Ucrânia pertence, em devido tempo, à UE. Os próximos passos estão nas mãos de nossos países-membros”, acrescentou Von der Leyen. “Sabemos que os ucranianos estão dispostos a morrer para defender suas aspirações europeias. Queremos que vivam conosco, pelo sonho europeu.”

Horas depois do anúncio em Genebra, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, visitava Kiev pela segunda vez desde o início da invasão, em 24 de fevereiro. O líder britânico chegou de surpresa à capital ucraniana, onde se reuniu com o presidente Volodymyr Zelensky. Johnson se ofereceu para lançar um grande programa de formação das forças ucranianas, com a previsão de formar até 10 mil soldados a cada 120 dias. Em entrevista coletiva, Zelensky afirmou que ambos discutiram a

situação atual na front, no leste e no sul da Ucrânia, assim como as capacidades de proteção do país ante a “ocupação russa”. “Em particular, falamos sobre a necessidade de aumento do suprimento de armas pesadas. A principal coisa, hoje, é fornecer defesa aérea para a Ucrânia. Começamos a mover nessa direção”, comentou Zelensky. Na quarta-feira, o chanceler alemão, Olaf Scholz; o presidente francês, Emmanuel Macron; e o primeiro-ministro da Itália, Mario Draghi, também estiveram em Kiev.

Zelensky reagiu às declarações de Von der Leyen por meio do Twitter: “Estou grato pelos líderes da UE pela fé no futuro europeu da Ucrânia”, escreveu, ao classificar a decisão como “histórica”. Na próxima quinta-feira, os 27 países-membros da UE se reunirão, em uma cúpula de dois dias, para apreciar o pedido de candidatura da Ucrânia, o qual precisa ser aprovado por unanimidade. Caso isso aconteça, abre-se um período de longas negociações entre Kiev e Bruxelas para a adesão.

Na quinta-feira, Scholz, Macron e Draghi externaram apoio à adesão. “A Ucrânia faz parte da família europeia”, afirmou o chanceler alemão. “Nós apoiamos o status de candidato imediato à adesão”, complementou o francês.

Prematuro

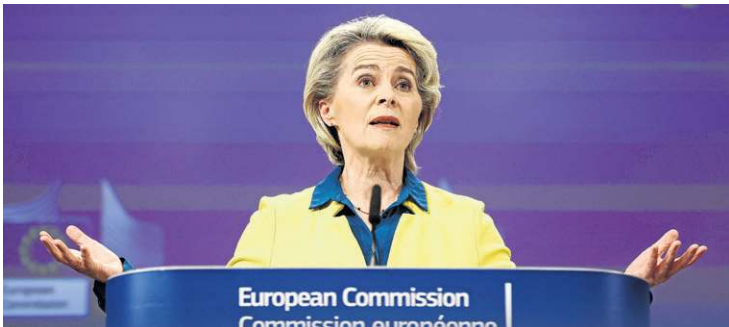
Para Peter Zalmayev, diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), é cedo para avaliar o significado do apoio da Comissão Europeia à candidatura da Ucrânia. Ele crê que o organismo buscará adiar a discussão e esperar que algum país-membro, como a Hungria, bloqueie a adesão da Ucrânia.

Presidência da Ucrânia/Divulgação



Zelensky (D) e Boris Johnson acendem velas na Catedral do Domo Dourado de Mykhavlo, em Kiev

Kenzo Tribouillard/AFP



Ursula von der Leyen: “Queremos que vivam conosco, pelo sonho europeu”

Ele lembra que a Holanda também demonstra ceticismo em relação a uma possível candidatura ucraniana. “Do ponto de vista simbólico, é

um sinal importante de que a Europa está pronta para ressignificar a Ucrânia como parte da civilização ocidental”, afirmou ao **Correio**.

Eu acho...

Aleksandr Indychii



“As visitas de chefes de Estado e de governo da Europa a Kiev são um sinal de consciência sobre a necessidade de defender a Ucrânia. Ao mesmo tempo, à exceção do Reino Unido, outras nações têm mostrado relutância em fornecer o tipo e a quantidade de armamentos solicitados pela Ucrânia. A ida a Kiev de Olaf Scholz, de Emmanuel Macron, de Mario Draghi e de outros líderes é uma espécie de viagem de culpa, uma penitência. Por exemplo, a Alemanha não anunciou remessa de armas, durante visita de Scholz.”

Peter Zalmayev, diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (sediada em Kiev)

Zalmayev defende que o processo de adesão da Ucrânia à UE deveria ser acelerado. “Isso não vai acontecer. Uma coisa é afirmar que a Ucrânia possui uma candidatura. Outra coisa é dizer que será aceita. Tivemos um precedente que retrata a dificuldade do processo. A Turquia assinou um acordo de união aduaneira com a UE em 1995. Dez anos depois, apresentou a candidatura para entrada no bloco. Passaram-se quase três décadas e a adesão foi rejeitada”, acrescentou.

Anton Suslov — analista da Escola de Análise Política (naUKMA), em Kiev — aposta que o status da Ucrânia como candidata deve ser aprovado pelo Conselho Europeu

(órgão decisório da UE) em uma semana. “Não tenho dúvidas de que a decisão será positiva. O histórico anúncio da Comissão Europeia de apoiar a candidatura é da maior importância, tanto para Ucrânia quanto para a UE”, disse.

De acordo com Suslov, os pontos de inflexão na história recente da Ucrânia envolveram o movimento da Rússia em relação ao Ocidente. “Na guerra, nossos homens perderam a vida pelos valores da liberdade e da democracia. A integração europeia não é apenas um conjunto de reformas políticas e econômicas, mas uma escolha pela civilização”, comentou o ucraniano.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Guerra surda na floresta

Nas entrelinhas do enredo sinistro que descreve o assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips, no Vale do Javari, o que se revela é a teia de ilegalidade tecida na Amazônia brasileira desde a virada do século. O que se insinuava como ameaça em 2000/2001 emerge agora como os monstros e os fantasmas que escondemos no porão, com a ilusão de que desapareçam como por encanto.

Ao contrário, eles se nutrem justamente da escuridão. E, quando já não é possível tapar os olhos, enxergamos a dimensão real — e, em geral, assustadora — da ameaça que espregueia. Não que estivéssemos todos cegos: Bruno e Dom estão (recuso conjugar o verbo no passado)

entre os que se empenharam em investigar, expor e denunciar a presença ameaçadora do crime organizado nessa região especialmente vulnerável, extremo de território na esquina com Colômbia e Peru, onde fronteiras nacionais desenhadas nos mapas somem sob a mata e se diluem nos rios e igarapés.

A brutalidade da emboscada e execução dos dois ativistas escancarou, para quem não via ou — pior — se recusava a ver, que uma guerra surda e suja se trava diariamente à sombra dos igarapós.

Yes, nós temos

Não é de hoje que a região de Atalaia do Norte e Tabatinga, nos limites ocidentais do Amazonas brasileiro, se apresenta

como terreno propício para operações ilegais. Em meados dos anos 1970, um oficial do Exército Brasileiro — meu pai — recém-transferido de São Paulo para o Batalhão de Fronteira de Tabatinga manifestava preocupação com a presença de narcotraficantes na cidade-gêmea colombiana de Letícia.

Nesse meio século, a dinâmica e a geopolítica do narcotráfico e do crime organizado passaram por mudanças drásticas. Nas décadas de 1980 e 1990, davam as cartas os cartéis colombianos da cocaína, de Medellín e de Cali. Na entrada dos 2000, já quem assumia posições estratégicas no negócio eram os cartéis mexicanos.

Soberanos nas rotas do Pacífico, com destino ao mercado dos EUA, os órfãos de Pablo Escobar deixaram vácuos para quem pudesse explorar rotas alternativas pelo Atlântico. As facções criminosas brasileiras, em franca ascendência graças à presença expressiva no Paraguai, entreposto de armas e drogas, enxergaram a ocasião. Hoje, temos nossos “cartéis” made in Brazil.

Galo cantou

As primeiras “guerras” do tráfico nos morros do Rio, no fim dos anos 1980, serviam de alerta. Mas, em 2001, quem acompanhava e investigava o desenvolvimento do crime organizado no Brasil teve um sinal inequívoco de emergência quando Fernandinho Beira-Mar foi capturado pelo Exército colombiano em região de selva, não muito distante da fronteira brasileira na região da Cabeça do Cachorro.

Tão importante quanto a presença do traficante de Duque de Caxias (RJ) na área, onde o lado colombiano da fronteira era patrulhado pela guerrilha das Farc, é o roteiro da sua chegada. Beira-Mar vinha de escapar da prisão, em Minas, pela porta da frente. Fugiu para o Paraguai, onde disputava com gangues locais as plantações de maconha e as rotas de cocaína e armas.

Depois de um tira-teima sangrento com rivais locais, desembarcou na Colômbia tendo como cartão de visita um lote de fuzis

que ofereceu à guerrilha. Passou a operar não apenas rotas para escoar cocaína pela Amazônia, mas para fornecer às Farc armas trazidas do Paraguai e do Suriname.

Geleia geral

De lá para cá, o movimento a que assistimos foi a “colonização” do extremo oeste do Amazonas, de Tabatinga (sul do estado) a São Gabriel da Cachoeira (norte), pelas facções criminosas do Rio de São Paulo. Em aliança ou disputa com gangues locais, nossos “cartéis” entrelaçam todo tipo de atividade ilegal em uma porção do território historicamente negligenciada.

Ao fluxo de drogas e armas, enredado ao conflito armado político-social de meio século na Colômbia, somam-se o garimpo e a pesca ilegais e a biopirataria pura simples. O traço singular mais marcante, de Tabatinga a Manaus e além, é a ausência do Estado brasileiro. Nesse vácuo, a ilegalidade prolifera sem balizas.

“Boca de Matilde”

Do ponto de vista da diplomacia brasileira, o episódio envolvendo o assassinato de Bruno e Dom, com requintes de barbaridade sistêmica que até ontem restava determinar, em toda a extensão, caiu sobre o país como um meteoro devastador. O desaparecimento assombrou a passagem do presidente Jair Bolsonaro pelos EUA, para a Cúpula das Américas — onde o anfitrião, o presidente Joe Biden, fez da agenda ambiental um dos focos do debate. Agências da ONU e organizações internacionais, humanitárias ou ambientais, não pouparam esforços para cobrir o governo brasileiro investigação profunda e abrangente. E a punição dos responsáveis — incluindo mandantes.

Uma vez mais, como se tornou frequente desde 2019, o Brasil se destaca no noticiário internacional como foco de preocupação. Como é corrente nas conversas entre vizinhos por cima dos muros, o nome do país “anda em boca de Matilde”.